

Infinitivos pessoais: uma viagem transatlântica¹

Nélia Alexandre², Inês Duarte & Ana Lúcia Santos

n_alexandre@fl.ul.pt, iduarte@fl.ul.pt & als@fl.ul.pt

CLUL / FLUL

0. Introdução

Em línguas ibéricas de sujeito nulo, encontra-se em estruturas de controlo não obrigatório um tipo de infinitivo especial, que co-ocorre com sujeito expreso. No caso do galego e do português europeu, esse infinitivo apresenta marcas de concordância de pessoa e número – e denomina-se infinitivo flexionado; no caso do espanhol, o infinitivo não exhibe marcas de flexão – e recebe a denominação de infinitivo pessoal.

Neste artigo, mostramos que o caboverdiano, uma língua nascida do contacto de línguas africanas da cintura do macro-Sudão com o português médio e clássico, partilha com as línguas ibéricas de sujeito nulo e com a variedade vernacular do português brasileiro a construção de infinitivo pessoal.

Com efeito, ocorrem infinitivos pessoais em dados de produção espontânea de crianças brasileiras, nos mesmos contextos que caracterizam a gramática adulta do caboverdiano e em que é livre a ocorrência de infinitivo flexionado em português europeu e na variedade culta do português brasileiro. Estes dados são consistentes com a hipótese da perda de morfologia flexional que caracteriza o português brasileiro vernacular (Pires 2002) e com a proposta de Pires & Rothman (2009) de que o infinitivo flexionado é uma aquisição tardia da variedade culta do português brasileiro, produto da escolarização, contrariamente ao que acontece na variedade europeia, em que ele é adquirido mais cedo (Pires, Rothman & Santos 2011).

Na secção 1, ocupar-nos-emos de construções infinitivas com sujeitos nominativos em línguas peninsulares de sujeito nulo. A secção 2. apresenta uma síntese da origem e das características tipológicas do caboverdiano e argumenta a favor da existência de construções não finitas nesta língua, em particular, de construções não finitas com sujeitos nominativos. Na secção 3, são consideradas estruturas infinitivas com sujeitos lexicais na gramática adulta do português brasileiro, vernacular e culto, e são apresentados dados de aquisição que argumentam a favor da importância da variável “escolarização” na aquisição do infinitivo

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto *Compleativas na Aquisição do Português* (PTDC/CLE-LIN/120897/2010), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

² Financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através da bolsa de pós-doutoramento SFRH/BPD/67241/2009.

flexionado. Na secção 4. discute-se a caracterização do caboverdiano e do português brasileiro como línguas de sujeito nulo parcial, sugerindo que a possibilidade de ocorrência de sujeitos lexicais nominativos em domínios não finitos constitua uma propriedade diagnóstica deste subtipo de línguas *pro-drop*.

1. Viagem e torna-viagem da Península Ibérica ...

Como é sabido, o espanhol peninsular moderno é uma língua de sujeito nulo consistente (Holmberg, Nayudy & Sheehan 2009; Holmberg 2010) que não dispõe de infinitivo flexionado³. Contudo, podem ocorrer sujeitos com realização fonética em orações infinitivas (Hernanz, 1982, Lagunilla 1987), como se pode observar em (1).

- (1) a. Al telefonar [**yo/tú/él/nosotros/vosotros/ellos**] dieron las doce.
b. Con enfadarse [**él/ella/ellos/ellas**] no se resuelve nada.
c. El interrogar [**yo/tú/él/ nosotros/vosotros/ellos**] a la defensa es inapropiado.

(Ejemplos adaptados de Lagunilla & Anula 1994: 26 a-c, 12)

- d. Lo mejor sería [**ir yo** también].

(Ejemplo de Hernanz 1982: 343)

As frases em (1) evidenciam três propriedades dos infinitivos pessoais no espanhol peninsular. Em primeiro lugar, os sujeitos lexicalmente realizados são nominativos, o que mostra claramente que se trata de orações infinitivas com propriedades distintas das construções de marcação de Caso excepcional ilustradas em (2).

- (2) Yo lo ví entrar en el comedor.

Em segundo lugar, eles apenas são legítimos em orações que não sejam complementos temáticos de verbos superiores, ou seja, apenas podem ocorrer em contextos de controlo não obrigatório⁴. Os infinitivos pessoais estão, portanto, excluídos de contextos em que a cadeia T-v-V da frase superior c-comanda a cadeia C-T encaixada. Por outras palavras, a distribuição

³ Ao longo do texto, o termo 'infinitivo flexionado' será usado para designar exclusivamente o chamado infinitivo flexionado canónico. O infinitivo gerundivo (Sten 1952) ou infinitivo preposicionado (Raposo 1989) não é abordado neste estudo.

⁴ Assumimos aqui a distribuição de controlo não obrigatório proposta em Landau (2000).

destes infinitivos está restringida aos contextos em que não é possível formar uma cadeia através de *Agree* entre T-v-V da frase superior e C-T da oração infinitiva.

Em terceiro lugar, os sujeitos lexicalmente realizados ocorrem obrigatoriamente em posição pós-verbal quando a oração infinitiva não é introduzida por uma preposição (ver (1 c,d) acima), sem o que as frases passam a ser julgadas agramaticais pelos falantes nativos. Contudo, quando a oração infinitiva é introduzida por uma preposição, como acontece em (3), é habitual o sujeito preceder o verbo, sobretudo no discurso oral.

- (3) a. No me sorprendería tener algun tio ricacho en América, [sin yo saberlo]
b. Todo por culpa de cosas que pasaron [antes de yo nacer].

(Exemplos de Mensching 2000: 26)

Estas propriedades foram captadas por Sitaridou (2002, 2007) através de uma generalização descritiva que se pode parafrasear informalmente do seguinte modo: para legitimar um infinitivo com sujeito nominativo numa oração adjunta ou numa oração sujeito basta que esta seja [+Tempo]; já para legitimar a mesma construção numa oração complemento, é necessário adicionalmente que a oração seja introduzida por uma preposição ou que o seu núcleo seja [+Agr]. Note-se que os primeiros contextos, os menos exigentes, são contextos de controlo não obrigatório; já o último contexto, mais exigente, é justamente um contexto de controlo obrigatório.

Repare-se que em português europeu é também em contextos de controlo não obrigatório que ocorre livremente o infinitivo flexionado. De facto, em completivas subcategorizadas, a selecção desta forma está dependente das propriedades semânticas e de orientação temporal dos verbos superiores, pelo que apenas um subconjunto de verbos declarativos, epistémicos e factivos a admitem (Raposo 1987, Duarte, Gonçalves & Santos 2012); em galego moderno, o infinitivo flexionado só ocorre em completivas subcategorizadas por verbos declarativos (Longa 1994). Por outro lado, em termos de frequência, é nas orações adjuntas, um contexto de controlo não obrigatório, que o infinitivo flexionado é mais frequente: no *corpus* de Santos (2006, 2009), em 55.591 enunciados de falantes adultos, há 369 ocorrências de infinitivo flexionado canónico, 314 das quais em orações adjuntas⁵.

A aproximação das construções de infinitivo pessoal do espanhol peninsular às de infinitivo flexionado do português europeu e do galego justifica-se, assim, por ambas as construções exibirem sujeitos lexicais nominativos e ocorrerem exclusiva ou

⁵ Para o galego moderno, ver Gondar (1978).

preferencialmente em frases adjuntas, distinguindo-se minimamente pela ausência vs. presença de morfologia explícita de pessoa e número na forma infinitiva.

Como derivar as propriedades acima referidas de princípios e parâmetros da GU?

Começamos pela legitimação de sujeitos nominativos num domínio não finito. A valoração do traço de Caso necessita de ser feita internamente à oração infinitiva. Ora T não finito é defectivo, pelo que não pode ser ele o responsável pela valoração do traço nominativo. Assumindo que, excepção feita aos contextos de reestruturação e de marcação de Caso excepcional, as orações infinitivas são CPs, a valoração do traço nominativo só pode ser atribuída à presença de traços [T] em C que acabam partilhados por *Agree* com T encaixado. Ou seja, quando ocorre infinitivo pessoal, C tem traços T autónomos, que permitem a valoração de nominativo.

Este requisito permite-nos compreender por que razão não podem ocorrer infinitivos pessoais em espanhol em orações c-comandadas por um núcleo T superior: é que, neste caso, nada bloqueia a formação de uma cadeia formada por *Agree* entre T-v-V superior e C encaixado. Em línguas com infinitivo flexionado, a possibilidade de um verbo superior seleccionar um CP completo no que diz respeito a traços T e *Agr* [α pessoa, β número] permite que sobrevivam sujeitos nominativos em domínios não finitos (os traços de [T] em C, partilhados com T, legitimam *pro*; os traços de *Agr* especificados em T identificam *pro*). No entanto, a possibilidade de seleccionar um CP completo no que diz respeito a traços [T] e *Agr* é condicionada pelas propriedades semânticas e de orientação temporal dos verbos superiores (Duarte, Gonçalves & Santos, 2012)⁶. Na verdade, Duarte, Gonçalves & Santos (2012) sugerem ainda que, nestes contextos, há movimento de T-v-V para C ou de DP para *Spec*, CP⁷, sendo esta uma instância de *Move* em perda na língua portuguesa.

A maior frequência de infinitivos pessoais e flexionados nas orações adjuntas pode dever-se ao facto de a presença de um complementador com realização lexical corresponder a um C com traços de T autónomos que, por *Agree*, valoram o traço nominativo dos sujeitos, sem nestes casos ocorrer qualquer aplicação de *Move*. Um argumento a favor desta hipótese é o que acontece em orações com infinitivo flexionado em português europeu. Nestes contextos, as preposições ou locuções que as iniciam obedecem aos testes de identificação de

⁶ Com efeito, a Subida de Verbo para C parece ter já sido perdida no português brasileiro (Duarte 1992, Pires 2002, e.o.) e, no português europeu oral, está em perda, nomeadamente num dos contextos em que se aplicava obrigatoriamente, as interrogativas-*wh* em frases-raiz. Assim, embora exemplos como (i) sejam ainda produzidos e compreendidos, os exemplos correspondentes apresentados em (ii) são cada vez mais frequentes:

(i) a. O que fizeste tu?

b. A quem telefonou a Teresa?

(ii) a. O que é que tu fizeste?

b. A quem é que a Teresa telefonou?

⁷ Esta sugestão deve-se a Duarte, Gonçalves & Miguel (2005).

complementadores propostos em Magro (2005): (i) não favorecem Subida de Clítico e (ii) desencadeiam próclise obrigatória. Os exemplos (4) e (5) ilustram cada uma destas propriedades:

- (4) a. O João disse aos miúdos para o ler.
b. *O João disse-o_i aos pais para lerem [-]_i.
- (5) a. Li o jornal antes de o trazeres para casa.
b. *Li o jornal antes de trazere-lo para casa.

2. Às Ilhas da Morabeza...

2.1. Origens e formação do caboverdiano

O caboverdiano (ou *kriolu*, como é designado localmente) é uma língua crioula relacionada com o português, sendo um dos crioulos mais antigos do mundo.

Supõe-se que desde os fins do século XV, inícios do século XVI, se terá desenvolvido em Cabo Verde uma língua de contacto, a que se chama proto-crioulo da Alta Guiné (cf. Duarte 2003)⁸. Esta língua ter-se-á ramificado no tempo e no espaço dando origem aos actuais crioulos da Alta Guiné: o caboverdiano, em Cabo Verde, o kriyol, na Guiné-Bissau e em Casamansa e o papiamentu⁹, nas Antilhas holandesas. Estes crioulos resultaram de um contexto histórico de escravatura e do contacto linguístico entre o português médio e várias línguas africanas, exibindo ainda hoje um elevado grau de inteligibilidade entre eles. O português funcionou como a base lexical destes crioulos, *i.e.*, como seu superstrato (cf. Hagemeyer & Alexandre, 2012), enquanto diversas línguas africanas da macro-família linguística do Níger-Congo constituem o substrato (*i.e.*, os fundamentos gramaticais) dos crioulos da Alta Guiné (especificamente, línguas como o mandinga, bambara, soninquê, wolof,

⁸ Historicamente, uma língua de contacto é o produto de uma situação linguística caracterizada pela presença no mesmo espaço de muitas línguas diferentes com poucos falantes (cf. Appel & Muysken 1987), situação essa que seria a de Cabo Verde (concretamente, Santiago) no fim do século XV. Segundo Lüpke (2010), ainda hoje se observa um contexto semelhante de multilinguismo e de 'hibridismo cultural' que gera interacções linguísticas muito complexas.

⁹ Tem-se levantado a hipótese de o papiamentu também pertencer à família dos crioulos da Alta Guiné. Por exemplo, Jacobs (2009), baseado em textos do século XVIII e XIX escritos em papiamentu, compara palavras funcionais de cinco aspectos gramaticais do caboverdiano e do papiamentu (nomeadamente, o sistema pronominal, os elementos interrogativos, as preposições, as conjunções e a reflexividade), mostrando que elas têm uma origem comum (veja-se também Valkhoff 1975 e Martinus 1996).

temné, fula, etc., faladas na área do macro-Sudão¹⁰ – faixa que vai do Senegal, a oeste, passando pelo Norte dos Camarões até à República Centro-Africana, mais a leste, ao longo dos rios Senegal, Níger, Volta e Benue – *vd.* mapa 1. abaixo).

Mapa 1. Macro-família linguística do Níger-Congo



Fonte: (http://mapsof.net/uploads/static-maps/niger_congo_map.png)

A partir do século XVI, o caboverdiano (ou ainda apenas uma ‘forma dialectal dos Rios’, como refere Duarte 2003: 43) terá sido levado através do comércio de escravos para a Europa – a partir de Portugal –, Antilhas holandesas, nordeste brasileiro (cf. mapa 2.) e inclusive para o extremo Oriente. Segundo Valkhoff (1975), o caboverdiano chegou a ser mesmo uma verdadeira língua franca em África, nas Américas e na Ásia.

¹⁰ São línguas que, apesar de parecem muito diferentes entre si, partilham propriedades comuns, visto pertencerem a dois ramos do mesmo filo: Mandé e Atlântico. Para informação sobre algumas características linguísticas desta área, remete-se para Güldemann (2008), que a classifica como “cintura do Macro-Sudão”.

2.1.1. Léxico de origem africana no caboverdiano

Tal como foi referido na secção anterior, foram várias as línguas africanas que estiveram em contacto com o português nos séculos XV e XVI em Cabo Verde, de que resultou o caboverdiano (cf. quadro 1.). No entanto, segundo Quint (2008), o léxico de origem africana no caboverdiano é inferior a 2% do total. Para o autor, nesta língua não há palavras funcionais de origem africana¹⁵. De facto, em cada cem palavras do vocabulário nuclear do caboverdiano¹⁶, noventa são de origem portuguesa. A razão que o autor aponta para a ocorrência de tais números é o esforço dos falantes africanos em aprender português, língua veicular no século XV e naquela latitude. No espírito de Mufwene (2002), considera-se que o estilo de colonização operado em Cabo Verde e a tentativa de aproximação à língua e cultura europeias terão favorecido esta situação.

Quadro 1. Principais línguas de substrato do caboverdiano (%)

Família do Níger-Congo			
Atlântico (> 30 milhões de falantes) ¹⁷			Mande (> 20 milhões de falantes)
Wolof	Temné	Outras	Mandinga (e outras)
16	6	6	40 (...)

Fonte: baseado em Quint (2008)

2.1.2. Aspectos gramaticais de origem africana no caboverdiano

Apesar da baixa percentagem de palavras de origem africana no vocabulário nuclear do caboverdiano, há evidências linguísticas fortes para a presença de traços gramaticais das línguas africanas nesta língua.

Ao nível da morfologia, Quint (2008:50-55) refere a existência de marcadores de classe como *ma-* e *min-* em (6), que existem em várias línguas do ramo atlântico (como o wolof e o temné), do sufixo verbal de iteratividade *-ti* em (7), do wolof, e a marcação de género feita lexicalmente pelas formas *femia/matxu* em (8), do bambara.

¹⁵ Apesar disto, Lang (2004) mostra que o caboverdiano tem algumas marcas funcionais do wolof, como mostraremos na secção 2.1.2.

¹⁶ O vocabulário nuclear de uma língua corresponde normalmente a uma pequena lista de cerca de cem palavras que ocorrem mais frequentemente numa interacção verbal normal.

¹⁷ Valores actuais retirados de (www.ethnologue.com).

(6) *mafafa* ‘inhame’, *mankara* ‘amendoim’, *makuka/minkokó* ‘mandioca’, *manduku* ‘moca, pau’

(7) *korkoti* ‘rapar o prato com a colher’, *rukuti* ‘esculpir’, *txuputi* ‘debicar’

(8) *fidju femia* ‘filha’, *fidju matxu* ‘filho’

Relativamente à componente morfossintáctica, a marcação de número em ‘nomes simples’ (*bare nouns*) é também um processo recorrente nas línguas mande e atlânticas, como se pode observar em (9).

(9) *Kasa di es aldeia e baratu.*
casa de DEM aldeia ser(IPFV) barato¹⁸
‘As casas desta aldeia são baratas.’ (Baptista 2007)

Quanto à componente sintático-semântica, a expressão do tempo e do aspecto verbais são semelhantes a processos encontrados nas línguas bambara, mandinga e wolof, como em (10), para a oposição Passado (\emptyset , *-ba*) vs. Presente (*ta*), ou para a marcação de Perfectividade (com verbos dinâmicos, em (11a.)) vs. Imperfectividade (com verbos estativos, em (11b.)).

(10) a. *N ka \emptyset kume keju.*
1SG NEG PFV comer queijo
‘Eu não comi o queijo.’
b. *Mininus ta djuga karanbola.*
meninos IPFV jogar carambola
‘Os meninos jogam ao berlinde.’

(11) a. *E fase kel trabadju-li.*
3SG fazer(PFV) DEM trabalho-PROX
‘Ele fez este trabalho.’

¹⁸ As glosas usadas seguem as convenções de glossagem de Comrie, Haspelmath & Bickel (2008):

CL = clítico
DEM = demonstrativo
DIST = distante
IPFV = imperfectivo

NEG = negação
PFV = perfectivo
PL = plural
POSS = possessivo

PROX = próximo
PST = passado
SG = singular
1,2,3 = pessoa

b. *Nhos sabe kel asuntu-li.*
2PL saber(IPFV) DEM assunto-PROX
'Vocês sabem este assunto.'

Ao nível da semântica, o caboverdiano recorre a duas formas distintas do verbo 'ter' para assinalar posse inerente (*ten*, em (12a.)) e posse transitória (*tene*, em (12b.)) e marca as relações de deixis através de *-li/-la*, em (13), à semelhança do wolof (*-i/-a*, respectivamente, Lang 2004: 145), como ilustrado em (14).

(12) a. *Bu ten dos fidju-femia.*
2SG ter(IPFV) dois filho-fêmea
'Tu tens duas filhas.'

b. *Ami e riku, mas gosi li N ka tene dinheru.*
1SG ser(IPFV) rico mas agora 1SG NEG ter(IPFV) dinheiro
'Sou rico, mas não tenho dinheiro comigo.'

(13) *Kes mininu-li/la...*
DEM menino-PROX/DIST
'Estes meninos/ aqueles meninos...'

(14) a. *Xaj b.ile.*
cachorro CL.PROX
'Este cachorro.'

b. *Xaj b.ale.*
cachorro CL.DIST
'Aquele cachorro.' (wolof, adaptado de Torrence 2005: 77)

Como se verifica a partir da amostra acima, a presença de traços gramaticais das línguas africanas da família do Níger-Congo no caboverdiano é notória nas áreas nucleares da gramática da língua¹⁹.

2.2. Argumentos a favor da existência de construções não finitas em caboverdiano

¹⁹ Não se referiram as características fonéticas africanas presentes no caboverdiano devido à escassez ou quase inexistência de estudos sistemáticos sobre esta temática.

Apesar de o caboverdiano partilhar muitos aspectos gramaticais com línguas do Níger-Congo, nesta secção mostraremos que o caboverdiano apresenta uma construção com sujeitos nominativos em orações subordinadas não finitas, propriedade sintáctica que partilha com as línguas ibéricas descritas na secção 1, o infinitivo pessoal. Para identificarmos adequadamente esta propriedade, começamos por estabelecer os critérios que nos permitirão distinguir domínios frásicos finitos de não finitos numa língua em que não a evidência para tal não é morfológica, mas sim sintáctica.

Vários estudos sobre línguas crioulas referem sistematicamente um traço saliente da gramática destas línguas: o facto de o sistema de expressão do Tempo, Modo e Aspecto (TMA) ser diferente das línguas ditas ocidentais, por recorrer a morfemas livres que ocorrem antes do verbo (Bickerton 1984 e Holm & Patrick 2007, e.o.).

Segundo Mufwene & Dijkhoff (1989), as línguas crioulas não fazem uma distinção entre formas finitas e não finitas porque estas línguas são, para os autores, morfológicamente pobres (i.e., não dispõem de morfemas próprios que expressem a ausência de Tempo).

Relativamente ao caboverdiano, também Baptista (2002) e Pratas (2007) afirmam que a língua não tem morfologia especificamente associada à marcação de formas não finitas e que, portanto, não há uma distinção clara entre domínios finitos e não finitos.

No entanto, propomos aqui que existe um critério que permite identificar como não finitos alguns domínios frásicos encaixados em caboverdiano: a impossibilidade de ocorrência do morfema imperfeito *ta*, como ilustrado em (16).

- (16) *Pedru disidi* [**ta*] *kume bolu*.
Pedro decidir(PFV) comer bolo
'O Pedro decidiu comer o bolo.'

Note-se que este domínio encaixado é verdadeiramente frásico porque permite a ocorrência do morfema de negação *ka* 'não', como em (17).

- (17) *Tareza disidi* [*ka*] *fase un festa pa si kodés*.
Tareza decidir(PFV) NEG fazer um festa para POSS cadete
'A Teresa decidiu não fazer uma festa para o seu filho mais novo.'

Como esperado, em contextos como os exemplificados em (16), de controlo obrigatório, a ocorrência de sujeitos com realização lexical está excluída, como a agramaticalidade do sujeito lexical encaixado em (18) exemplifica. No entanto, existem domínios frásicos

encaixados que não admitem a ocorrência de *ta*, mas permitem a presença de sujeitos lexicais, como se pode observar na oração adjunta em (19a) ou na completiva sujeito em (19b).

(18) *Pedru disidi [(*)e kume bolu].*

Pedro decidir(PFV) 3SG comer bolo

‘O Pedro decidiu comer ele o bolo.’

(19) a. *Bu leba un libru pa kasa [pa (bu) (*ta) studa].*

2SG levar(PFV) um livro para casa para (2SG) estudar

‘Tu levaste um livro para casa para estudar(es).’

b. *Ka sta dretu [(nhos) (*ta) kume aros ku mo].*

NEG estar direito (2PL) comer arroz com mão

‘Não é correcto comer(em) o arroz com as mãos.’

É interessante notar que o sujeito expresso em enunciados como (19) pode ou não ser referencialmente idêntico ao sujeito da frase superior, como ilustrado em (19a e 20).

(20) *Bu leba un libru pa kasa [p’ ami (*ta) studa].*

2SG levar(PFV) um livro para casa para 1SG estudar

‘Tu levaste um livro para casa para eu estudar.’

Adicionalmente, podemos afirmar que, em caboverdiano, a exclusão do morfema temporal de passado (ou melhor, de anterioridade) *-ba* de domínios frásicos encaixados, como os de (21), reforça a hipótese de que estes domínios são efectivamente não finitos.

(21) a. *Tareza disidiba [fase un festa].*

Tareza decidir(PST) fazer um festa

‘A Teresa tinha decidido fazer uma festa.’

b. **Tareza disidiba* [faseba un festa].²⁰

Tareza decidir(PST) fazer(PST) um festa

A partir dos dados acima, podemos concluir que a ausência obrigatória do morfema aspectual *ta* (sem que tal facto conduza a uma leitura perfectiva) é um bom critério (sintáctico) para a expressão de infinitude em caboverdiano.

No entanto, interessa-nos particularmente realçar neste trabalho, como vimos acima, que o caboverdiano exhibe contextos frásicos não finitos em que ocorrem sujeitos argumentais realizados e *ta* é excluído, como acontece no caso das frases completivas de verbos volitivos e declarativos (introduzidos pelo complementador *pa* ‘para’) (22) e em frases adjuntas (23 a, b) e (20), repetido em (23c):

Verbos volitivos e declarativos

(22) a. *Bo bu kre* [pa nu (*ta) fase trabadju].

2SG 2SG querer(IPFV) para 1PL fazer trabalho

‘Tu queres que nós façamos o trabalho.’

b. *Bu fla-m* [pa N (*ta) ntrega trabadju].

2SG dizer(PFV)-1SG para 1SG entregar trabalho

‘Tu disseste-me para eu entregar o trabalho.’

(adaptadas de Alexandre 2012: 66-67)

Frases adjuntas

(23) a. *Bu ta fase djanta*, [dipos di bu (*ta) panha águ na rubera].

2SG IPFV fazer jantar depois de 2SG apanhar água em ribeira

‘Tu fazes o jantar depois de ires buscar água à ribeira.’

²⁰ Segundo Alexandre, Gonçalves & Pratas (2010), o morfema de passado *-ba* só pode ocorrer em domínios encaixados quando seleccionados pelo verbo *kre* ‘querer’, como em (i), o que leva as autoras a proporem que neste caso, e exclusivamente para este verbo, estamos perante um predicado complexo.

(i) *E kreba serba nha mos.*
3SG querer(PST) ser(PST) POSS moço

‘Ele queria ser meu namorado (mas não tem qualquer hipótese).’ [contrafactual]

(adaptada de Pratas 2007: 299)

b. *Água ropa [ántis di bu (*ta) liza].*
água roupa antes de 2SG alisar
'Molha a roupa antes de a passares a ferro.'

(Brüser & Santos 2002: 10)

c. *Bu leba un libru pa kasa [p' ami (*ta) studa].*
2SG levar(PFV) um livro para casa para 1SG estudar
'Tu levaste um livro para casa para eu estudar.'

Enunciados como os de (22) e (23) acima mostram-nos que o caboverdiano é uma língua que exhibe infinitivos pessoais e, por isso mesmo, a presença de um sujeito realizado não pode ser vista como um critério para identificar um domínio frásico finito.

A ilação a extrair dos dados apresentados nesta secção é a de que a ocorrência do marcador aspectual de imperfectividade *ta* assinala finitude (na linha de Alexandre, Gonçalves & Pratas 2010), independentemente da presença de um sujeito encaixado realizado.

Finalmente, consideramos que a distribuição dos infinitivos pessoais em caboverdiano corresponde à distribuição da mesma estrutura noutras línguas, já que permite infinitivos pessoais em contextos de controlo não obrigatório (cf. (19) e (23)) e exclui os infinitivos pessoais dos contextos de controlo obrigatório (veja-se (16-18) acima). Na verdade, sugeriremos de seguida que nos contextos em (22 a,b) é a presença do complementador *pa* que bloqueia controlo obrigatório. .

Assim, coloca-se de novo a questão de saber como é que nesta língua são legitimados sujeitos nominativos em contextos não finitos, à semelhança do que vimos acontecer em espanhol peninsular (secção 1.). Observando os enunciados de (19), (22) e (23), verificamos que, também nesta língua, a presença de um sujeito realizado no domínio infinitivo se correlaciona com o preenchimento de C, por um complementador (e.g. *pa*). De facto, em contextos de controlo obrigatório como os de (18) acima e (24), a realização lexical de sujeitos não é permitida.

(24) *Pedru disidi [*e/*bu kume bolu].*
Pedro decidir(PFV) 3SG/2SG comer bolo
'O Pedro decidiu comer ele/comeres tu o bolo.'

No entanto, em contextos de controlo obrigatório, quando a frase infinitiva é introduzida por um complementador lexical, como acontece em (22), é possível a ocorrência de sujeitos nominativos desde que os mesmos sejam disjuntos do sujeito da frase matriz (veja-se (25)).

(25) a. *Nu kre [pa bu/*nu fase trabadju].*
1PL querer(IPFV) para 2SG/1PL fazer trabalho
'Nós queremos que tu faças/*nós façamos o trabalho.'

b. *Bu fla-m [pa N/*bu ntrega trabadju].*
2SG dizer(PFV)-1SG para 1SG/2SG entregar trabalho
'Tu disseste-me para eu entregar/*tu entregares o trabalho.'

Note-se que a diferença entre os dados de (24) e de (25) sugere que o complementador não finito *pa* 'para' que ocorre em C nos complementos de verbos como *kre* 'querer' ou *fla* 'dizer' impede a relação de controlo. Sugerimos que, nestes casos, *pa* é o complementador que apresenta traços [T] especificados no início da numeração, permitindo a legitimação de um sujeito lexicalmente realizado na fase correspondente ao CP encaixado. Além disso, internamente à oração encaixada, os traços- ϕ são valorados em T por *Agree* com o DP.²¹ Em contextos como os de (24), o complementador nulo é subespecificado quanto aos traços [T] e [ϕ], pelo que só através de uma operação de *Agree* com os traços do T superior os pode valorar, obtendo-se o efeito típico de controlo.

Por fim, nos contextos de controlo não obrigatório exemplificados em (23), C não é comandado pelo T superior e é lexicalmente realizado através de complementadores não finitos (e.g., *pa*, *dipos di*, *antis di*, etc.). Nestes casos, mais uma vez, o complementador apresenta traços [T] especificados no início da numeração, permitindo a legitimação de um sujeito lexicalmente realizado na fase correspondente ao CP encaixado. O mesmo acontece em (19b), neste caso com um complementador não lexicalmente realizado.

²¹ Estes casos lembram os casos de obviação referencial, em que a contrapartida de uma estrutura de controlo é uma finita com complementador realizado, conjuntivo e um sujeito obrigatoriamente disjunto do sujeito da oração matriz (cf. Meireles & Raposo 1985-86). Deixamos para futuros trabalhos a discussão da relação entre esta construção do caboverdiano e os casos de obviação referencial descritos na literatura sobre línguas românicas.

3. E às Terras de Vera Cruz

3.1. Dados da gramática adulta

Em português brasileiro vernacular, são, na verdade, também possíveis infinitivos pessoais em contextos de controlo não obrigatório (veja-se (26)), como os descritos acima para o espanhol peninsular, muito embora o infinitivo flexionado se mantenha na variedade culta da língua (Pires, 2006).

- (26) a. A Maria ligou antes de **nós**/de **eu**/*de **mim** sair. (Pires 2002: 156)
b. pega o vermelho pra **nós botar**. (*corpus* de Ruth Lopes, s/d, citado por Rothman *et al.*, no prelo)

A ocorrência deste tipo de infinitivos é esperada, dado que uma das propriedades que a literatura tem identificado como típica da variedade vernacular do português brasileiro é a perda de morfologia verbal explícita (Duarte 1993), ou seja, tratar-se-ia de um infinitivo flexionado sem morfologia explícita de pessoa e número. Segundo Pires (2002), em (26), não tendo o T encaixado morfologia explícita, o sujeito realizado lexicalmente não devia ser legitimado. Contudo, como observámos na secção 1., tal legitimação é possível desde que o núcleo C tenha traços T autónomos, que permitem valorar o Caso nominativo do sujeito.

O que é interessante observar no português brasileiro vernacular é a oscilação entre a ocorrência de verdadeiros infinitivos pessoais e a ocorrência de orações infinitivas com pronomes fortes oblíquos como sujeitos, que Pires (2002) marca como agramaticais, como se vê em (26a). Contudo, tais enunciados estão atestados em *corpora* de produção espontânea (27):

- (27) Êle trouxe um sanduíche [para **mim** comer].

(Thomas 1969: 185; *apud* Mensching 2000)

Ou seja, encontramos nesta variedade duas estratégias diferentes para assegurar a realização de sujeitos em orações infinitivas: a construção de infinitivo pessoal ilustrada em (26) e uma construção como (27), que analisamos como um caso de marcação de Caso excepcional (ECM). Assim, enquanto nos exemplos (26) a oração infinitiva é um CP que conta como uma fase completa, sendo *antes_de* e *para* realizações lexicais de C, nos exemplos (27) a oração infinitiva é um TP, seleccionado pela preposição *para*, que atribui excepcionalmente Caso à posição de *Spec,TP* (cf. Mensching 2000).

Mas também se encontram, na variedade culta do português brasileiro, enunciados com infinitivo flexionado em contextos em que os falantes não escolarizados utilizam infinitivo pessoal ou a construção infinitiva de ECM exemplificada em (27). De facto, no *corpus* de produção espontânea de Magalhães (2006), encontrámos exemplos de orações adjuntas com infinitivo flexionado no contexto da interacção adulto-criança.

(28) *MÃE: p(a)ra eles dormirem, né [: não é] ?

(*corpus* de Magalhães, 2006, citado por Rothman *et al.*, no prelo)

Este quadro complexo parece apontar para a existência de gramáticas em competição, sensíveis, em particular, à variável “escolarização”. Os dados de aquisição que apresentamos na secção seguinte, constituem um argumento a favor desta hipótese.

3.2. Dados de aquisição

Em trabalho sobre a aquisição do português europeu, Santos *et al.* (2011) e Santos *et al.* (2013) analisam contextos de infinitivo flexionado no *corpus* de Santos (2006 / 2009), constituído por fala espontânea de três crianças (INI, 1;6 – 3;11; TOM, 1;6-2;9; INM 1;5-2;7). Os autores mostram que duas destas crianças produzem já infinitivos flexionados (a partir de 2;1), ao mesmo tempo que começam a produzir complementadores lexicalmente realizados, embora restrinjam a ocorrência destes infinitivos a contextos de orações finais introduzidas por *para* (veja-se 29). Os autores sugerem que a restrição destas formas a contextos com um complementador (*para*) lexicalmente realizado fica explicada se, para as crianças, for menos complexo inserir por *Merge* um complementador na derivação do que operar movimento de V-v-T para C, operação necessária à derivação de infinitivos flexionados em frases completivas – esta hipótese apoia-se na Hipótese de Complexidade Derivacional de Jakobowicz (2005).

(29) ponh(o) aí pa(ra) faze(re)s [?] # (es)tá ?

TOM 2;8.9

A aquisição precoce do infinitivo flexionado em português europeu confirma a presença desta estrutura nas variedades coloquiais da língua, a que a criança está exposta, tal como tinham já afirmado, com base em dados experimentais, Pires, Rothman & Santos (2011). O mesmo trabalho confirma que esta situação na aquisição do português europeu contrasta com a aquisição tardia de infinitivos flexionados no português brasileiro: Pires & Rothman (2009, 2010) mostram que as crianças que adquirem o português brasileiro só manifestam conhecimento das propriedades do infinitivo flexionado a partir dos 11 anos. Os mesmos

autores consideram esperada a aquisição tardia desta forma pelas crianças brasileiras, visto que ela apenas fará parte da gramática padrão do português brasileiro, variedade a que as crianças só são sistematicamente expostas através da escolarização.

No entanto, sabendo-se que a fala espontânea no português brasileiro vernacular inclui infinitivos pessoais, como resultado de um processo mais geral de perda de morfologia de flexão (Duarte 1993, Pires 2006), devemos perguntar-nos se se observam infinitivos pessoais na fala espontânea das crianças brasileiras e, em caso afirmativo, em que momento e em que contextos ocorrem.

Rothman *et al.* (no prelo) examinam dois *corpora* de fala espontânea representativos da aquisição do português brasileiro: dados de uma criança, Ana (2;4.11-2;10.29), do *corpus* de Magalhães (2006) e dados de duas crianças, A.C. (1;8-3;7) e Gab (1;10-3;6), do *corpus* de Ruth Lopes s/d. Neste trabalho, foram codificados todos os infinitivos nos dados, assinalando-se (i) presença de flexão de pessoa e número e (ii) presença de um sujeito lexicalmente realizado no compatível com Caso nominativo. O primeiro critério permite a identificação indiscutível de infinitivos flexionados, enquanto o segundo identifica infinitivos pessoais, sem concordância explícita sujeito-verbo, mas também infinitivos flexionados de 1ª e 3ª pessoa do singular nas variedades que os exibem.

A análise destes dados mostrou que estas crianças produzem 39 casos de infinitivo com um sujeito lexicalmente realizado (a partir de 2;3, no caso de A.C. e Gab, e a partir de 2;7 no caso de Ana), ocorrendo apenas um caso de infinitivo com flexão lexicalmente realizada (A. C., 3;7).²² Nos primeiros, de infinitivo não flexionado com sujeitos lexicalmente realizados, incluem-se: (i) 1ª e 3ª pessoas do singular, em que a flexão na variedade padrão corresponde a um morfema sem contrapartida lexical (veja-se 30-31), e (ii) casos em que se poderia esperar realização morfológica de flexão, se se tratasse de infinitivos flexionados (veja-se 32-33).

- | | |
|---|-------------|
| (30) p(r)a [: para] eu co(r)ta(r) Oa massinha. | Ana 2;10.29 |
| (31) me dá a boneca pra eu poder guardar. | Gab. 3;6 |
| (32) pra nós tomar. | A.C. 3;0 |
| (33) é pra tu chavear a minha +... | Gab. 3;6 |

²² Os casos de complementos de verbos perceptivos e causativos não foram incluídos, visto que é difícil neste caso distinguir infinitivo pessoal e ECM numa língua que está a perder o contraste entre nominativo e acusativo no sistema pronominal.

Assim, estes dados permitem concluir que os infinitivos pessoais (embora não necessariamente flexionados) fazem parte da gramática das crianças nestes estádios precoces de aquisição do português brasileiro.

No entanto, Rothman *et al.* (no prelo) notam também que o facto de ocorrer um caso de infinitivo flexionado na produção de uma das crianças (exemplo em 34) mostra bem que esta forma pode ser adquirida precocemente pelas crianças de famílias que falem a norma culta ou oscilem entre essa variedade e variedades vernaculares.

(34) p(a)ra eles dormirem, né [: não é] ?

A.C. 3;7

Parece-nos ainda especialmente relevante que os mesmos dados permitam estabelecer um paralelo interessante com (i) os dados de aquisição de infinitivo flexionado no português europeu, (ii) dados de frequência de infinitivo flexionado na produção espontânea adulta de infinitivos flexionados e (iii) dados de distribuição dos infinitivos pessoais em espanhol peninsular e em caboverdiano: como exemplificam (30)-(31), os infinitivos pessoais na aquisição do português brasileiro emergem em contextos de orações finais, introduzidas pelo complementador *para*. Vimos que a restrição de infinitivos pessoais e flexionados a este tipo de contextos, ou a sua maior frequência neste tipo de contextos, pode reflectir uma menor complexidade da operação de inserção de um complementador, por oposição a operações que envolvam movimento do verbo para C ou do DP sujeito para *Spec,CP*, ou pode mesmo reflectir a perda deste tipo de operação numa dada língua (como será o caso do português brasileiro e, até certo ponto, do português europeu).

Finalmente, estes dados de aquisição confirmam o que a análise dos dados da gramática adulta, na secção 3.1., tinha já mostrado: a perda de flexão, nomeadamente no infinitivo do português brasileiro vernacular, não implica o desaparecimento de uma propriedade característica de línguas de sujeito nulo (consistente ou parcial), a saber, a possibilidade de legitimar sujeitos nominativos em orações infinitivas. Esta é exactamente a propriedade que encontramos no caboverdiano e que considerámos caracterizadora do seu estatuto como língua de sujeito nulo parcial. Este facto é também um argumento para análises que, como a que aqui apresentamos, tomam como equivalentes infinitivos pessoais e infinitivos flexionados no que diz respeito a traços abstractos (ainda que com realização lexical distinta).

4. O caboverdiano e o português brasileiro, línguas de infinitivos pessoais e línguas de sujeito nulo parcial

A possibilidade de ocorrência de sujeitos nominativos em domínios não finitos é, como vimos, uma característica comum a línguas peninsulares como o espanhol, o galego e o português europeu, que o caboverdiano e o português brasileiro vernacular partilham. Uma diferença significativa opõe as primeiras às últimas: as primeiras caracterizam-se por uma morfologia verbal rica (i.e., com realização fonética), enquanto nas últimas tal morfologia quase não existe ou se tem vindo a perder. Esta propriedade sintáctica da gramática das línguas peninsulares parece, portanto, ter sobrevivido no caboverdiano e no português brasileiro, apesar da pobreza morfológica que os caracteriza.

Sugerimos além disso que a possibilidade de legitimar sujeitos nominativos em domínios infinitivos é uma propriedade sintáctica correlacionável com a fenomenologia do sujeito nulo. Na verdade, o espanhol e o português europeu, por um lado, e o caboverdiano e o português brasileiro vernacular, por outro, podem ser considerados línguas *pro-drop*, embora não do mesmo subtipo. De acordo com a escala de liberalidade de *pro-drop* de Roberts & Holmberg (2010)²³, é possível distinguir línguas de sujeito nulo consistente (CNSLs) de línguas de sujeito nulo parcial (PNSLs). As línguas peninsulares acima referidas, tal como o italiano, são exemplos do primeiro tipo; já o português brasileiro tem ultimamente sido considerado um exemplo de PNSL.

Recordemos as propriedades que, segundo Holmberg, Nayudy & Sheehan (2009), caracterizam as PNSLs, aqui exemplificadas com casos do português brasileiro.

Sujeitos nulos expletivos

(35) [--] Está chovendo.

Sujeitos nulos genéricos

(35) Aqui [--] vende casquinha de siri.²⁴

Inversão sujeito-verbo em frases declarativas com predicados inacusativos

(36) [--] Chegou seu livro.

²³ “expletive null subjects \supset partial null subjects \supset consistent null subjects \supset discourse pro-drop”

(Roberts & Holmberg 2010: (16), 12)

²⁴ Não existe unanimidade quanto à análise de enunciados como (35). Para alguns autores, trata-se de uma frase de inversão locativa, em que o constituinte locativo (neste caso, o advérbio *aqui*) ocupa a posição de *Spec,TP* (Avelar & Cyrino 2008, Avelar 2009). Se se adoptar esta análise, enunciados deste tipo não podem exemplificar casos de sujeitos nulos genéricos.

Impossibilidade de sujeitos nulos referenciais em frases-raiz

(37) *[--] Comi sorvete.

Note-se que nem sempre os dados e os juízos dos falantes brasileiros são coincidentes, o que aponta para a existência de grande variação, eventualmente explicável pela existência de gramáticas em competição. Pelo contrário, o caboverdiano é um excelente exemplo de PNSL, visto que os falantes são unânimes nos juízos sobre os enunciados que exibem as propriedades acima identificadas.

Sujeitos nulos expletivos

(38) [--] *txobe txeu pa tudu kau.*
chover(PFV) muito para todo lugar
'Choveu muito em todo o lado.'

Sujeitos nulos genéricos

(39) [--] *ta fladu ma Maria ka gosta di Djon.*²⁵
IPFV dizer que Maria NEG gostar(IPFV) de Djon
'Diz-se que a Maria não gosta do Djon.'

Inversão sujeito-verbo em frases declarativas com predicados inacusativos

(40) [--] *Sa ta txiga uns omis.*
PROGR chegar uns homens
'Estão a chegar uns homens.'

²⁵ Apesar de Costa & Pratas (2012) considerarem enunciados como (39) exemplos de sujeitos nulos genéricos, é pelo menos controverso fazê-lo. De facto, estes enunciados são frases com morfologia passiva (-du), pelo que podem ser considerados casos de inversão sujeito-verbo em construções inacusativas, portanto, com sujeitos expletivos. Adicionalmente, os dados mostram que em frases declarativas sem morfologia passiva, a referência genérica do sujeito exige a ocorrência de DPs quantificados como *algen/algun kusa* (i). Veja-se Alexandre, Santos & Duarte (2012).

(i) *Ora ki bu kanta, *(algen) kritika-u.*
hora que 2SG cantar(PFV) alguém criticar(PFV)-2SG
'Quando cantaste, alguém te criticou.'

Impossibilidade de sujeitos nulos referenciais em frases-raiz

- (41) *[--] *Kume un sukrinha.*
comer(PFV) um açucarzinho
'Comi um docinho.'

As propriedades sujeito nulo expletivo, inversão sujeito-verbo em construções inacusativas e impossibilidade de sujeitos nulos referenciais em frases declarativas-raiz inserem o caboverdiano e o português brasileiro no tipo PNSL. Tendo em conta adicionalmente os dados do Finlandês e do Marata fornecidos em Holmberg, Nayudy & Sheehan (2009), elas parecem constituir um diagnóstico seguro para o tipo PNSL. Já a propriedade sujeitos nulos genéricos, pelas razões explicitadas nas notas 24 e 25, parece discutível. Pelo contrário, e tendo em conta os dados acima analisados, poderemos acrescentar os infinitivos pessoais como propriedade diagnóstica adicional de línguas do tipo PNSL.

5. Considerações finais

O presente trabalho discute uma propriedade das línguas ibéricas igualmente encontrada no caboverdiano e no português brasileiro vernacular, a presença de sujeitos nominativos em orações infinitivas. Apresentaremos sumariamente as três propostas centrais que dele resultam.

Em primeiro lugar, propusemos critérios sintáticos para a identificação de orações não finitas em caboverdiano, língua crioula sem marcas morfológicas de infinitivo. Destaque-se a este respeito a novidade desta proposta no contexto da crioulistica, em que são inúmeros os trabalhos sobre os sistemas verbais (TMA), mas rara a discussão sobre a oposição finito/não finito e reduzida, quando existe, a critérios meramente morfológicos.

Em segundo lugar, os dados do português brasileiro vernacular (gramática adulta e aquisição) confirmam que o empobrecimento da morfologia verbal não se traduz necessariamente na perda da propriedade sintática expressa morfológicamente na variedade culta. De facto, a ocorrência precoce de infinitivos pessoais em crianças brasileiras, bem como a sua ocorrência na fala espontânea de falantes da variedade vernacular corroboram esta afirmação.

Por fim, ao discutirmos os critérios propostos na literatura para a identificação das línguas de sujeito nulo parcial, propusemos tentativamente que o infinitivo pessoal possa ser com vantagem considerado um critério diagnóstico de PNSL.

Referências

- Alexandre, N. (2012). *The Defective Copy Theory of Movement: evidence from wh-constructions in Cape Verdean Creole*, Creole Linguistics Library, vol. 41, Amsterdam: John Benjamins.
- Alexandre, N., A. Gonçalves & F. Pratas. (2010). Predicados complexos em Crioulo de Cabo Verde. In *VI Encontro da ABECS*, 24-26 de Março, Bahia: UFBA.
- Alexandre, N., A. L. Santos & I. Duarte. (2012). Personal infinitives and the status of Capeverdean as a partial null subject language. *Formal Approaches on Creole Studies III*. CLUL, Novembro 2012.
- Appel, R. & P. Muysken. (1987). *Language Contact and Bilingualism*. London: Edward Arnold.
- Avelar, J. (2009). Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. *Matraga* 16, pp. 232-252.
- Avelar, J. & S. Cyrino. (2008). Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Linguística*, 3 – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, 55-75.
- Baptista, M. (2002). *The Syntax of Cape Verdean Creole: The Sotavento Varieties*, Amsterdam: John Benjamins.
- Bickerton, D. (1984). The Language Bioprogram Hypothesis. *Behavioral and Brain Sciences*, 7: 2, 73-222.
- Brüser, M. & A. Santos. (2002). *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*, Jürgen Lang (Dir.), Tübingen: Gunter Narr.
- Carreira, A. (1982). *O crioulo de Cabo Verde – surto e expansão*. Lisboa: Gráfica EUROPAM.
- Comrie, B., M. Haspelmath & B. Bickel (Coords.). (2008). *Leipzig Glossing Rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses*. Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology & Univ. Leipzig.
- Costa., J. & F. Pratas. (2012). Embedded null subjects in Capeverdean. *Journal of Linguistics*, Cambridge: C.U.P., 1-21.
- Duarte, D. A. (2003). *Bilinguismo ou Diglossia?*. 2ª ed., São Vicente: Spleen.
- Duarte, I., A. Gonçalves & M. Miguel (2005). Propriedades de C em frases completivas. In I. Duarte & I. Leiria (eds.) *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 549-562.
- Duarte, I., A. Gonçalves & A. L. Santos. (2012). Inflected infinitives revisited: on the different nature of dependent tense and temporal orientation. *XXII Colloquium of Generative Grammar*, Mar. 21-23, Barcelona.
- Duarte, M. E. (1992). A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas Qu- no português brasileiro. *Delta* 8, 37-52.
- Duarte, M. E. (1993). Do pronome nulo ao sujeito pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. Kato (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*, Campinas, SP: Ed. Unicamp. 107-128.

- Gondar, F. (1978). O Infinitivo Conjugado en Galego. *Verba*, Separata 13.
- Hagemeyer, T. & N. Alexandre. (2012). Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintáctica. *Papia*, 22:2, 233-252.
- Hernanz, M. L. (1982). *El Infinitivo en español*. Belaterra: Publicações da UAB.
- Holm, J. & P. Patrick. (eds.). 2007. *Comparative Creole Syntax: Parallel Outlines of 18 Creole Grammars*, Plymouth: Battlebridge Publ.
- Holmberg, A. (2010). Null Subject parameters. In T. Biberauer; A. Holmberg; I. Roberts & M. Sheehan (eds.). *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: CUP, 88-124.
- Holmberg, A.; A. Nayudy & M. Sheehan. (2009). Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. In *Studia Linguistica*, 63:1, 59-97.
- Jacobs, B. (2009). The Upper Guinea origins of Papiamentu. Linguistic and historical evidence. *Diachronica* 26:3, 319-379.
- Jakubowicz, Celia. 2005. The Language Faculty: (Ab)normal development and interface constraints. Paper presented at GALA, Siena.
- Kihm, A. (1994). *Kriyol Syntax: The Portuguese-Based Creole Language of Guinea-Bissau*, Amsterdam: John Benjamins Pub.
- Lagunilla, M. F. (1987). Los Infinitivos con Sujetos Léxicos en Español. V. Demonte & F. Lagunilla (eds.). *Sintaxis de las Lenguas Románicas*. Madrid: Ediciones El Arquero.
- Lagunilla, M. F. & Anula (1994). Proceso de filtrado de rasgos categoriales en la sintaxis: los infinitivos y la legitimación del Caso Nominativo. V. Demonte (ed.). *Gramática del español*: 471-530. México: El Colegio de México.
- Lang, J. (2004). Affinités grammaticales entre le créole portugais de l'île de Santiago (Cap Vert) et le wolof (Sénégal). Aspects et temps. F. Mauro; M. Veiga & N. Vázquez (Org.), *Los Criollos de Base Ibérica*, ACBLPE 2003, Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 137-147.
- Longa, V. (1994). The Galician Inflected Infinitive and the Theory of UG. *Catalan Working Papers in Linguistics*. Universitat Autònoma de Barcelona.
- Landau, I. (2000). *Elements of Control. Structure and Meaning in Infinitival Constructions*. Dordrecht: Kluwer.
- Lüpke, F. (2010). Multilingualism and language contact in West Africa: towards a holistic perspective. *Journal of Language Contact*, Thema Series, 3, 1-11.
- Magalhães, Telma V. (2006). *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Estadual de Campinas.
- Magro, C. (2005). Introdutores de Orações Infinitivas: O que Diz a Sintaxe dos Clíticos. I. Duarte & I. Leiria (eds.) *Actas do XX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- Martinus, F. (1996). *The kiss of a slave: Papiamentu's West-African connections*. Dissertação de Doutoramento, Amesterdão: Universidade de Amesterdão.
- Meiros, J. & E. Raposo. (1985-86). Some asymmetries in the Binding Theory in Romance. *The Linguistic Review* 5, 75-110.

- Mensching, G. (2000). *Infinitive Constructions with Specified Subjects. A Syntactic Analyses of Romance Languages*. Oxford: Oxford University Press.
- Mufwene, S. & M. Dijkhoff. (1989). On the so-called 'infinitive' in Atlantic creoles. *Lingua* 77: 3-4, 297–330.
- Naro, A. (1978). A study on the origins of pidginization. *Language* 54, 314-347.
- Peixeira, L. (2003). *Da mestiçagem à caboverdianidade: registos de uma sociocultura*, Lisboa: Colibri.
- Pires, A. (2002). Cue based change: inflection and subjects in the history of Portuguese infinitives. D. Lightfoot (ed.), *Syntactic Effects of Morphological Change*. Oxford University Press, Oxford, 142–159.
- Pires, A. (2006). *The Minimalist Syntax of Defective Domains: Gerunds and Infinitives*. Amsterdam: John Benjamins.
- Pires, A., J. Rothman. (2009). Acquisition of Brazilian Portuguese in late childhood: implications for syntactic theory and language change. A. Pires & J. Rothman (eds.) *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies Across Portuguese*, Berlim: Mouton de Gruyter, 129-154.
- _____. (2010). Building bridges: Experimental L1 acquisition meets diachronic linguistics. In P. Guijarro-Fuentes & L. Domínguez (eds.). *New Directions in Language Acquisition*. 357-85. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Pires, A., J. Rothman & A. L. Santos. (2011). L1 acquisition across Portuguese dialects: Modular and interdisciplinary interfaces as sources of explanation. *Special Issue: Acquisition at the Linguistic Interfaces. Lingua* 121(4): 605-22.
- Pratas, F. (2007). *Tense Features and Argument Structure in Capeverdean Predicates*. Diss. Dout., Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Quint, N. (2008). *L'Élément Africain dans la Langue Capeverdienne // Africanismos na Língua Caboverdiana*. Paris : L'Harmattan.
- Raposo, E. (1987). Case theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry* 18: 85-109.
- _____. (1989). Prepositional infinitival constructions in European Portuguese. In O. Jaeggli & K. Safir (eds.), *The Null Subject Parameter*, Dordrecht: Kluwer Publ., 277-305.
- Roberts, I. & A. Holmberg (2010). Introduction: parameters in Minimalist Theory. In T. Biberauer; A. Holmberg; I. Roberts & M. Sheehan (eds.). *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: CUP, 1-57.
- Rothman, J., I. Duarte, A. Pires & A. L. Santos (no prelo) How early after all?: Inflected infinitives in European and Brazilian Portuguese L1 production. In St. Stavrakaki, P. Konstantinopoulou & M. Lalioti (eds.): *Advances in Language Acquisition: Proceedings of GALA 2011*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Rougé, J.-L. (1986). Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-Bissau e da Casamansa. *Soronda* 2, 28-49.

- Santos, A. L. (2006) *Minimal Answers. Ellipsis, syntax and discourse in the acquisition of European Portuguese*. Dissertação de doutoramento. Universidade de Lisboa (publicada em 2009, John Benjamins).
- Santos, A. L., I. Duarte, A. Pires & J. Rothman (2011). Early inflected infinitives and late V-to-C movement. In N. Danis, K. Mesh & H. Sung (eds.) *Proceedings of the 35th Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 540-552.
- Santos, A. L., J. Rothman, A. Pires, I. Duarte (2013). Early or late acquisition of inflected infinitives in European Portuguese? Evidence from spontaneous production data. In M. Becker, J. Grinstead & J. Rothman (eds.) *Generative Linguistics and Acquisition: Studies in honor of Nina M. Hyams*. Philadelphia: John Benjamins, 65-88.
- Sitaridou, I. (2002). *The Synchrony and Diachrony of Romance Infinitives with Subjects*. Tese de PhD, Universidade de Manchester.
- _____ (2007). Romance infinitives with subjects, subjunctive obviation and control theory. In L. Eguren & O. Soriano (eds.). *Coreference, Modality and Focus: Studies on the syntax-semantics interface*. Amsterdam: John Benjamins, 191–219.
- Sten, H. (1952). L'infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne. In *Boletim de Filologia* 13, 83-142.
- Torrence, H. (2005). *On the Distribution of Complementizers in Wolof*. Diss. Ph.D., Los Angeles: UCLA.
- Valkhoff, M. (1975). *A socio-linguistic enquiry into Cabo-verdiano creole*. Miscelânea Luso-africana, Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.